

A HISTÓRIA URBANA A CONTRAPELO:
o projeto Refundações e a criação de novas leituras
sobre a cidade contemporânea

THE CONTRARIETY URBAN HISTORY:
the Refundações project and the creation of new readings
about the contemporary city

A. Marcela Rosenberg Figueiredo & B. Felipe Carnevalli De Brot

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

marcelarosenburg@gmail.com

felipecdeb@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca discutir em que medida o projeto Refundações, fruto de uma parceria entre o grupo de arquitetos Micrópolis, o Sesc Ipiranga e o Museu Paulista em São Paulo – e resultado de um processo envolvendo educação, arte e conhecimento espacial –, pode ser interpretado como uma materialização da filosofia da história presente na obra de Walter Benjamin. Nos interessa analisar como o ato de “narrar a história a contrapelo” elaborado por Benjamin pode ser uma base teórica capaz de fundamentar práticas pedagógicas na contemporaneidade, ao articular vozes e saberes historicamente excluídos das tomadas de decisões sobre as cidades e, conseqüentemente, trazer novas perspectivas para se pensar e produzir o espaço urbano.

Palavras-chave: pedagogia urbana, Walter Benjamin, arte contemporânea, crítica urbana.

Linha de investigação: Cidade e Projeto.

Tópico: História urbana e história do urbanismo.

ABSTRACT

This paper aims to discuss how the project Refundações (“Refoundations”) can be interpreted as a practical experiment of the philosophy of history formulated by Walter Benjamin. Developed through a partnership amongst the group of architects Micrópolis, Sesc Ipiranga Community Center and Museu Paulista in São Paulo, the outcome of this project was a process involving education, art and spatial knowledge. In that context, we are interested in analyzing how the “history against the grain” elaborated by Benjamin can be a theoretical basis capable of supporting pedagogical practices in contemporary times, articulating different types of knowledge and experiences that were historically excluded from the decision-making processes in cities. At last, this paper also intends to point out new perspectives for thinking and producing the urban space.

Keywords: urban pedagogy, Walter Benjamin, contemporary art, urban criticism.

Research line: City and Project.

Topic: Urban history and history of urbanism.

Introdução

Neste artigo, iremos discutir como o projeto Refundações se configura como um processo artístico-educativo que articula uma crítica urbana através da Teoria da História presente na obra do filósofo Walter Benjamin. Desenvolvido pelo grupo de arquitetos Micrópolis, Refundações foi uma exposição, resultante do processo participativo de produção de novas leituras sobre três pinturas históricas do acervo do Museu Paulista, que representam momentos do desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo, convidando o público a reimaginar esses episódios nos dias atuais e, conseqüentemente, os projetos de cidade resultantes desses processos imaginados.

Num primeiro momento, apresentaremos as etapas do projeto Refundações como forma de sistematizar os pressupostos educativos que guiam os processos de trabalho do Micrópolis. Posteriormente, com base nas discussões relativas à filosofia benjaminiana, analisaremos como o Refundações buscou materializar através de uma prática artístico-educativa a ideia de “narrar a história a contrapelo” proposta pelo filósofo. Abordamos o processo de fazer aflorar “a(s) história(s) dos vencidos”, ou a tradição dos oprimidos, não resgatando os eventos ocorridos como “de fato” foram, mas como são vistos a partir do momento presente, permitindo imaginar outros futuros urbanos possíveis. Por fim, discutiremos como a coleta de diversas narrativas sobre momentos marcantes do desenvolvimento de São Paulo constituem um trabalho pedagógico, no sentido de produzir reflexões críticas sobre os modos como enxergamos e (re)produzimos nossas cidades, explicitando um modelo pautado pela noção de progresso que produziu e produz apagamentos, exclusões e segregações.

1. Entre arte, espaço e educação: outras práticas da arquitetura e do urbanismo

Micrópolis é um grupo de arquitetos de Belo Horizonte que atua nas fronteiras compartilhadas entre espaço, arte e educação. Interessado pelas relações que se reproduzem no cotidiano da cidade, o coletivo se dedica a projetos e ações em pequena escala, capazes de fazer emergir particularidades e imaginários locais que apontem para novas possibilidades de envolvimento e transformação coletiva do espaço. Desde 2010, buscamos em nossas propostas aprofundar, através da experimentação, os métodos que pressupõem uma postura etnográfica como forma de aproximação e de estudo do lugar, contando com o envolvimento e participação de seus habitantes e frequentadores.

Ao propor o deslocamento em direção ao cidadão comum e ao considerar a experiência e conhecimento de espaço dos usuários como fatores imprescindíveis para as propostas, nos deparamos com a necessidade de pensar meios de compartilhar os diferentes imaginários sobre a cidade, e de tornar as discussões instigantes e compreensíveis por todos os envolvidos. A resposta para tal demanda foi então o desenvolvimento de dispositivos e práticas pedagógicas de troca de experiências com essas pessoas que, de acordo com o contexto, tomam as mais variadas formas: desde um manual gráfico ou uma oficina de fotografias, a um café da manhã coletivo na calçada ou um processo artístico-educativo.

Um dos trabalhos que demandou o desenvolvimento de uma metodologia artístico-educativa foi o projeto Refundações que, realizado juntamente com o Sesc Ipiranga e o Museu Paulista, em São Paulo, consistiu em um processo de produção de novas leituras sobre três pinturas históricas do acervo do Museu Paulista, que retratam episódios do desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo. São elas: Fundação de São Paulo, realizada em 1909 por Oscar Pereira da Silva; Avenida Paulista no dia da inauguração, de Jules Martin em 1891; e Rua do Rosário, feita por José Wash Rodrigues em 1858. Para tal, convidamos indivíduos oriundos de grupos que foram historicamente silenciados pela história oficial para, a partir de suas histórias,

experiências e visões de mundo, reimaginarem os episódios representados nas pinturas do acervo nos dias atuais e, conseqüentemente, os projetos de cidade resultantes desses processos. Foram realizados então oito encontros abertos ao público para a cocriação de novas narrativas orais que recriam o episódio da fundação da cidade de São Paulo em um futuro próximo. Posteriormente, as narrativas deram origem a novas imagens que ilustraram as diversas refundações possíveis para a cidade de São Paulo e que, colocadas lado a lado em uma exposição no Sesc Ipiranga, desvelaram diferentes narrativas, imaginários e experiências de cidade.



Fig. 01 Pintura Fundação de São Paulo, realizada por Oscar Pereira da Silva em 1907: Micrópolis (2019).



Fig. 02 Pintura Avenida Paulista no dia da inauguração, realizada por Jules Martin em 1891: Micrópolis (2019).



Fig. 03 Pintura Rua do Rosário, realizada por José Wasth Rodrigues em 1858: Micrópolis, (2019).

Este processo, proposto pelo Micrópolis, vai ao encontro da Teoria da História defendida por Walter Benjamin, que procura distanciar-se de uma leitura da história caracterizada por um cientificismo pautado na ideia de progresso e entendida através de uma sucessão de fatos lineares. Em contrapartida, o teórico propõe outra abordagem para contar e escrever tal narrativa, onde coloque-se em relevo a história dos vencidos, ou a tradição dos oprimidos, e que revele aquilo que está no avesso dos discursos oficiais, desobscurecendo momentos e narrativas que ficaram à sombra no fluxo do tempo.

Aproximando este trabalho dos textos do “Caderno N” do livro Passagens (2009) e das Teses sobre a Filosofia da História de Benjamin, que discute a teoria do conhecimento e a concepção de história como progresso, nosso propósito é analisar em que medida o projeto Refundações, que borra as fronteiras entre a prática artística e a dos arquitetos-urbanistas, pode ser interpretado como um exercício a partir da teoria do filósofo num processo envolvendo educação, arte e conhecimento espacial. Dito de outra forma, nos interessa analisar como a narrativa da “história a contrapelo”, elaborada por Benjamin na Tese VII, pode fundamentar práticas pedagógicas na contemporaneidade, articulando vozes e saberes historicamente excluídos da tomada de decisões sobre o planejamento urbano, produzindo um contraponto à história oficial urbana e trazendo novas perspectivas para se pensar e produzir as cidades.

2. Projeto Refundações e os múltiplos olhares sobre a história urbana

Fechado desde 2013 para reforma e com reinauguração prevista para 2022, o Museu Paulista, a fim de ativar seu acervo mesmo no período de obras, vem realizando atividades junto a outros espaços e parceiros, pautadas pela pergunta “Que museu queremos para 2022?”

Nesse contexto, o projeto Refundações foi desenvolvido entre julho de 2019 e janeiro de 2020 e teve como objetivo, através de um processo coletivo envolvendo uma série de ações abertas ao público, criar novas leituras e sentidos para o acervo do museu a partir de desejos e reivindicações presentes na prática urbana de diversos grupos que habitam São Paulo. O projeto teve como ponto de partida três pinturas do acervo do Museu Paulista que narram momentos importantes do desenvolvimento urbano da capital paulista — Fundação de São Paulo (Oscar Pereira da Silva, 1909); Avenida Paulista no dia da inauguração (Jules Martin, 1891); e Rua do Rosário (José Wash Rodrigues, 1855). Tratam-se de pinturas históricas, categoria que representa fatos importantes da nação, comunicando projetos políticos e culturais dos espaços e tempos os quais retratam.

Pinturas históricas como essas foram vistas de maneira recorrente como representações da “verdade” e, dessa maneira, absorvidas pelo imaginário coletivo da sociedade a que pertenciam. Quando musealizadas e vinculadas a livros didáticos de história, passavam supostamente a cumprir uma missão pedagógica ao permitir a visualização do passado a milhares de cidadãos. Entretanto, ainda que essas obras sejam lidas por muitos como um retrato fiel dos memoráveis acontecimentos, é importante ressaltar que, antes de mais nada, elas são produto do olhar de um indivíduo, com todas as referências e influências de seu contexto social, político e econômico.

São obras que, concebidas por grupos dominantes, dão destaque àqueles que detém o poder da narrativa, e o fazem em detrimento de outros olhares sobre os fatos. Essas pinturas representam, portanto, projetos políticos que, ao serem cristalizados como ícones e documentos oficiais, podem acabar encobrendo críticas, ideias e protagonismos de outras vozes, corpos e narrativas que estiveram presentes nos acontecimentos retratados. Diante da constatação de que pinturas desse tipo tradicionalmente veicularam valores sociais, políticos e culturais de uma elite dominante – assim como os pensamentos de sua época –, qual seria então a narrativa dos fatos se essas pinturas, em especial a da Fundação da Cidade de São Paulo, fossem revisitadas nos dias de hoje?

A partir dessa reflexão, o projeto realizou uma série de oficinas sobre essas pinturas, convidando grupos feministas, artistas negros, lideranças indígenas, jovens refugiados, ativistas LGBTQI+, funcionários do Museu Paulista, moradoras de ocupações urbanas e o próprio público espontâneo do Sesc para imaginar como esses grupos teriam criado suas próprias narrativas para uma nova e futura fundação da cidade de São Paulo, tendo em vista os processos históricos que os excluíram. As oficinas contaram com a participação, entre outros, dos arquitetos Nabil Bonduki, Marcos Rosa e Maria Claudia Levy; do curador Hélio Menezes e da artista Rosana Paulino; das ativistas feministas Amelinha Teles e Maria Clara Araújo; das lideranças indígenas Guarani Davi Popygua e Sonia Ara Mirim; de Bruno Oliveira e Ellen Nicolau, representantes do Museu da Diversidade e da Casa 1 de acolhimento à população LGBTQI+; e de Alexandra Gomes, Claudia Garcez e Selma Oliveira, lideranças das ocupações por moradia Ouvidor, Tereza de Benguela e 9 de Julho.



Fig. 04 Material de divulgação das conversas com os convidados: Micrópolis (2019).



Fig. 05 Conversa com Hélio Menezes e Rosana Paulino: Micrópolis (2019).

O resultado desses encontros foi a emergência e o compartilhamento de diversas reflexões sobre as pinturas e a produção de uma multiplicidade narrativas sobre diferentes refundações possíveis para a cidade de São Paulo — não no sentido de buscar uma reparação histórica, nem de tornar hegemônicas as narrativas dos vencidos, mas de usar os quadros como ponto de partida para pensar novos e diversos imaginários urbanos. Essas narrativas foram gravadas em áudio e posteriormente enviadas a outros colaboradores que se encarregaram de representá-las através de pinturas, desenhos, colagens e outras tantas linguagens imagéticas. Tanto os áudios quanto essas novas imagens compuseram uma exposição na Parede em Arco do Sesc Ipiranga, em cartaz entre o fim de 2019 e o início de 2020.

3. Narrar a história a contrapelo: aproximações entre Refundações e as teses sobre a história de Walter Benjamin

O que as vozes e os olhares envolvidos no Refundações têm a nos dizer sobre a escrita da história oficial e sobre o desenvolvimento urbano de São Paulo (e de outras tantas cidades brasileiras) —, ambos criadores e mantenedores de segregação, exclusão e invisibilidades? Na teoria da história elaborada por Walter Benjamin, a linearidade histórica, juntamente com o encadeamento dos fatos e a noção de progresso são questionados ou mesmo deixados de lado em favor de uma montagem de diferentes tempos, na qual os vestígios do passado são analisados a partir do tempo presente. A seguir, propomos analisar as discussões geradas pelo projeto Refundações, que operou a emergência de questões antes encobertas de uma maneira pedagógica através de outras perspectivas sobre um mesmo fato histórico, sob a luz dos conceitos da teoria benjaminiana.

3.1. Fragmentos, ruínas e vestígios: montagem de tempos a partir das descontinuidades

A celebração ou apologia está empenhada em encobrir os momentos revolucionários do curso da história. Ela almeja intensamente a produção de uma continuidade, e dá importância apenas àqueles elementos da obra que já fazem parte da influência que ela exerceu. Escapam a ela os pontos nos quais a tradição se interrompe e, com isso, escapam-lhe as asperezas e saliências que oferecem um apoio àquele que pretende ir além. [N 9a, 5] (Benjamin, 2009, p. 516)

Por isso que eu não concordo que nas escolas eles mostram uma imagem histórica e dizem que foi assim. Eles não dão margem para pensar que poderia ser diferente. Como se a história fosse uma só. (Gonzales, 2019, informação verbal)¹

Walter Benjamin faz uma crítica radical ao historicismo, buscando romper com uma noção linear e etapista marcada pela sucessão e superação dos períodos anteriores, unindo passado e presente por um elo causal. Sua proposta se baseia, então, em uma interpretação da história que negue a existência de momentos épicos que, marcados por um discurso de neutralidade, dão margem a interpretações contemplativas do passado, criando uma noção de que é possível se entender os acontecimentos transcorridos exatamente como de fato ocorreram.

¹ GONZALES, M. (2019). *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 12 julho (em áudio).

Nesse sentido, ele afirma que nenhuma obra chega até o presente de maneira neutra: ela nos é transmitida por um processo de lutas histórico-políticas que contam a versão dos vencedores. Para que se “escoe a história a contrapelo”, é preciso compreender que as obras do passado não se encerram em si mesmas, mas continuam a agir, viver e operar no presente, não constituindo um tempo definitivamente morto, mas continuamente vivo, mesmo que encoberto no presente. Isso confere à teoria de Benjamin uma concepção de passado distinta daquela apresentada pelo historicismo.

Para o filósofo, é necessário que haja um rompimento, uma descontinuidade do *continuum* da história, para que seja possível apreender as múltiplas vozes responsáveis pela construção (mesmo que pela destruição) da própria história. É então através daquilo que escapa, das asperezas, saliências, vestígios e ruínas reunidas que podemos reconstruir, através do método da montagem, não apenas o passado, mas repensar o presente e imaginar futuros possíveis. A montagem de tempos, para o teórico, é semelhante à construção de um mosaico, em que a justaposição de elementos heterogêneos permite uma leitura nova do conjunto que se está analisando.

Nessa lógica, o projeto Refundações, ao colocar lado a lado obras de arte de tempos históricos diferentes e que retratam momentos diversos da história de São Paulo, nos faz perceber a perpetuação de uma certa narrativa hegemônica branca, heteronormativa e elitizada. Destacamos aqui o quadro da fundação da cidade que, além de exposto em museu histórico, teve grande circulação ao longo da história, marcando presença nos livros didáticos, selos, postais, cartões telefônicos, porcelanas, etc. Segundo a pesquisadora Michelli Monteiro:

Tais suportes permitiram a imensa difusão de seu discurso visual, cujo fulcro principal associava a origem da cidade de São Paulo à cristianização, e o papel dessa no ordenamento do contato entre europeus e indígenas naquela nascente missão jesuítica que daria origem à vila e à cidade. A tela é compreendida, assim, como um meio fundamental para a criação de um imaginário social sobre a origem urbana de São Paulo. (Monteiro, 2012, p. 17)

Ao compreendermos essas obras como meios de criação de um imaginário social e urbano perpetuado até os dias de hoje, conforme escreve Monteiro, desvelamos por consequência o encobrimento do sofrimento e exploração de muitos outros corpos e pontos de vista silenciados pela narrativa hegemônica – aquela dos vencedores, parafraseando Benjamin. Dessa maneira, cabe às análises das obras, feitas no tempo do agora, estarem atentas àquilo que está presente, porém oculto nos acontecimentos do passado como promessa ou protesto.

Além disso, ao abrirmos a conversa a indivíduos representantes de grupos invisibilizados por essa história (tanto nas narrativas quanto nas suas representações), o questionamento das ideias de “evolução” e “neutralidade” históricas surgiu naturalmente, nos permitindo analisar os quadros pelas suas descontinuidades e por aquilo que foi premeditadamente ocultado dessas imagens: os indígenas, que aparecem nas bordas do quadro da Fundação, nos demais quadros são “varridos” da cena. A figura feminina, no mesmo quadro, só pode ser percebida a partir de um olhar demorado sobre a tela, já que, de cerca de cinquenta pessoas representadas, apenas duas são mulheres. Os negros, que não aparecem nem no primeiro nem no segundo quadro, são representados de forma subalternizada na pintura da Rua do Rosário, ora de costas, ora com feições pouco detalhadas em relação às figuras brancas. Ao analisar essa pintura e

estar atenta ao que resta de “vestígios” sobre a história ancestral dos negros no Brasil, a arquiteta Gabriela Leandro deixa claro a intencionalidade que reside na produção de apagamentos de determinadas narrativas:

O quilombos foram contemporâneos às cidades portuguesas. Tivemos então duas formas distintas de habitar nosso país que coexistiram. Mas, para os quilombos, os únicos documentos que temos de registro são aqueles relacionados à sua destruição, eles não foram objeto de representação, porque o objetivo era o seu extermínio. (Leandro, 2019, informação verbal)²

Assim como história da população negra nas cidades foi reduzida a vestígios, os fragmentos da história da comunidades indígenas também foram lembrados pelas lideranças Guarani:

São Paulo é uma cidade guarani, que tem a essência e a história do povo guarani como origem. Ipiranga, Anhangabaú, Anhanguera, Tatuapé, todos esses nomes são Guarani. A gente sabe os significados originais desses lugares, porém a cidade foi construída em cima dessa terra, e o que nós vemos é que, apesar dos nomes lembrarem a origem desse lugar, somente os Guarani sabem interpretar essa origem. (Popygua, 2019, informação verbal)³

A montagem de tempos, em contraposição portanto à continuidade histórica, faz transparecer a violência promovida pelo progresso, suprimindo a neutralidade e naturalidade da sucessão linear dos fatos e apontando para a necessidade de se entender as obras da cultura dominante como inventário e testamento dessa própria barbárie.

3.2. Crítica ao progresso

No decorrer do século XIX, quando a burguesia consolidou sua posição de poder, o conceito de progresso foi perdendo cada vez mais as funções críticas que originalmente possuíam (A doutrina da seleção natural teve uma importância decisiva neste processo: com ela fortaleceu-se a opinião de que o progresso se realiza automaticamente. Ademais, ela favoreceu a extensão do conceito de progresso a todos os domínios da atividade humana.) (...) [N 11a, 1]. (Benjamin, 2009, p. 518)

Toda a nossa ideia de civilidade e de progresso passam pela destruição da natureza, onde não é possível uma convivência harmoniosa em um país marcado predominantemente pela pujança da natureza. Essa convivência harmoniosa não é possível nem com a natureza nem com determinados corpos, que são os corpos negros e indígenas. (Paulino, 2019, informação verbal)⁴

A concepção linear da história, à qual Benjamin se contrapõe na Tese IX, tem seus fundamentos na construção de uma narrativa oficial e naturalizante, e de um progresso tecnicista trazido pelos ideais burgueses que, após se tornarem hegemônicos, perderam seu viés crítico, comprometendo-se apenas com a manutenção do *status quo*.

² LEANDRO, G. (2019). *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 23 agosto (em áudio)

³ POPYGUA, K. D. *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 24 agosto (em áudio).

⁴ PAULINO, R. (2019). *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 23 agosto (em áudio).

O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. [...] Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade. (Benjamin *apud* Löwy, 2005, p. 87)

É nessa lógica que Benjamin critica a ideia de um progresso material, inevitável, sempre ascendente e ligado ao desenvolvimento técnico baseado na racionalidade científica que encobriu vários outros modos de vida. O filósofo entende, assim, o movimento da história do capitalismo como a expansão contínua da própria barbárie. Em meados de 1930, Benjamin já nos alertava para o risco da visão positivista que traz o domínio da natureza pela técnica e que ignora a destrutividade social constituída por ela. Tal visão resultou e ainda resulta na produção de cidades onde a convivência com a natureza é impossível, como aponta a artista negra Rosana Paulino na citação que inicia este tópico, proferida em uma das conversas do Refundações.

Ao analisar as imagens de momentos históricos distintos do desenvolvimento de São Paulo nas conversas em grupo, pudemos levantar algumas pistas para entender a situação distópica para onde o desenvolvimento pautado na concepção de progresso nos trouxe. Diversos representantes dos grupos, cujo ponto de vista à história oficial se encarregou de silenciar explicitaram em suas falas uma crítica à “inevitabilidade do progresso” nas cidades, ao “otimismo da técnica” e à “positivação” do desenvolvimento urbano a qualquer custo. Ainda parafraseando Paulino, agora em uma reflexão sobre o quadro da inauguração da Avenida Paulista:

Quando olhamos para essa imagem da abertura da Avenida Paulista vemos que não há nenhuma possibilidade de convívio: o crescimento da cidade bota abaixo a floresta e varre para fora o elemento indígena. (Paulino, 2019, informação verbal)⁵

Nessa fala, podemos perceber como o progresso é uma força que vem sempre de cima para baixo, arrasando o cotidiano pré-existente e instaurando um modo de vida único. Quando aplicado à produção da cidade, o progresso na forma do planejamento urbano impõe imaginários daquilo que deve ser viver nas cidades, do que é ser cidadão e de como devemos circular pelas ruas.

3.3 A imagem dialética, o tempo do agora e o despertar

Avessa à ideia de progresso, a proposta de uma nova maneira de se entender a história elaborada por Benjamin se dá através de uma dialética de imagens (Tese IX). Crítico à análise historicista da cultura, o teórico propõe um processo destrutivo onde a análise do passado através da dialética, liga o presente ao passado sem um sentimento nostálgico. Nesse procedimento, cria-se um estado de suspensão em que um ponto de encontro emerge a partir de um salto entre as temporalidades distintas, o passado e o presente. A imagem dialética une, num relampejar, o ocorrido com o agora: é um momento passado tirado de seu fluxo histórico para que adquira legibilidade no presente. Portanto, é a partir da relação dialética que é possível estabelecer uma crítica que torna explícitas as ambiguidades provenientes do encontro do “agora” com o tempo vivido, tornando o momento presente compreensível sem deixar de reconhecer o tempo histórico passado.

⁵ PAULINO, R. (2019). *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 23 agosto (em áudio).

Através do processo dialético, Benjamin propõe, então, uma reconstrução do passado, não resgatando os eventos ocorridos como “de fato” foram, mas como são vistos a partir do tempo em que vivemos, momento onde questões historicamente naturalizadas passam a ser questionadas e percebidas como problemas. Nesse sentido, as imagens (ou obras de arte) do passado devem ser articuladas com o presente de maneira crítica, gerando uma nova percepção do ocorrido na medida em que este ganha uma nova interpretação e permite compreendermos os porquês da nossa realidade. Essa tomada de consciência seria, na visão de Benjamin, o despertar. Em uma das oficinas do Refundações, as pinturas serviram como gatilho para que a imigrante cabo verdiana Nádia Ferreira pudesse perceber, apontar e questionar o processo de segregação espacial vivido em seu cotidiano como imigrante em São Paulo:

Quando olho para essas pinturas, fico pensando em como se deu a arquitetura da cidade. Vejo que a construção das casas da favela é muito diferente da construção das casas no centro. Os indígenas foram exterminados e os negros ex-escravos tiveram que ir para a periferia construir favelas. Mas quem disse onde cada grupo tem que estar? (Ferreira, 2019, informação verbal)⁶

Esse processo de emergência de um olhar crítico que procura construir a história tendo consciência de que o processo de transmissão de cultura é sempre tomado pela perspectiva dos que venceram se torna ainda mais importante quando, em consonância com Benjamin, nos propomos a resgatar a vivência daqueles que foram invisibilizados pela história oficial. Entretanto, ao invés de nos distanciarmos das obras de arte que, como propõe Benjamin, são documentos da cultura por excelência (e, portanto, narrativas produtoras de apagamentos), as tomamos, em Refundações, como ponto de partida para, no lugar de celebrá-las, questioná-las e fazer aflorar essas outras narrativas, dar visibilidade a outros modos de vida e projetos de cidade.

O processo de trazer as pinturas históricas para uma discussão no momento presente para que, através de um entendimento dessas obras não como uma documentação que revela a verdade tal qual ela foi, mas como um produto que imprime as intenções, referências e influências de quem a produziu, evita um olhar romantizado em relação ao objeto histórico e nos deixa atentos aos perigos da naturalização e enraizamento dessas imagens no imaginário popular. Segundo o curador Hélio Menezes em nossas conversas:

As imagens nos constroem através da cristalização um certo imaginário, uma certa ideia de cidade e de sociedade que não estão restritos ao tempo de execução dessas imagens, mas que se propagam inclusive para os dias presentes. Elas fazem parte de nosso acervo mental e constituem nossa forma de ver o mundo. (Menezes, 2019, informação verbal)⁷

Tomando como ponto de partida as leituras críticas sobre os quadros, o momento em que os participantes foram convidados a imaginar como seria uma refundação de São Paulo em 2022 foi marcado por depoimentos que deram vazão a diversas críticas ao processo de (re)produção das cidades, ora gerando projeções distópicas para o futuro urbano, ora fomentando um imaginário fértil de como uma cidade mais humana, diversa e inclusiva poderia ser. Nas palavras de Gabriela Leandro:

⁶ FERREIRA, N. (2019). *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 13 setembro (em áudio).

⁷ MENEZES, H. (2019). *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 23 agosto (em áudio).

Eu imagino que os rios estariam em uma outra condição. E nessas águas têm várias embarcações guiadas por mulheres coroadas que encabeçam a refundação, carregando uma multidão que vem atrás. Elas abrem os caminhos. E onde tem prédios, eu imagino que eles são ruínas tomadas por vegetação, e as pessoas ocupam novos agrupamentos quilombolas. Tem muito quintal, muita planta, muita folha. A cidade está se desenvolvendo entre as águas e esses agrupamentos se atualizam e reinventam também algumas tecnologias construtivas. A cidade é muito mais generosa com todo mundo que está ali. (Leandro, 2019, informação verbal)⁸

4. Conclusão

No processo de trabalho do Refundações, a prioridade dada à escuta como método – e, portanto, à crítica ao nosso próprio modo de fazer cidade – de indivíduos muito diversos como indígenas, imigrantes, ativistas negros, mulheres feministas e educadores, nos mostrou muito claramente a forma perversa como as cidades têm se reproduzido ao longo da história através de uma ideologia posta em prática pelos grupos dominantes.

Ao resgatar a proposta de “escovar a história a contrapelo” formulada por Walter Benjamin, o trabalho Refundações não busca uma aplicação dogmática de suas teses, mas uma nova maneira de se olhar para as questões atuais e futuras da cidade. Ao deixar de lado a linearidade histórica e trazer à tona os momentos de descontinuidade através das histórias dos vencidos, foi possível compreender e criticar a noção de progresso como uma ideologia que se coloca como inevitável. Tornar visíveis as estratégias de resistência de grupos invisibilizados por essa noção de progresso é, de acordo com Benjamin, uma maneira de se articular o passado historicamente, possibilitando uma mudança do presente. Sem a pretensão de eliminar a versão dos vencedores ou substituí-la por aquelas dos vencidos, a busca por articular vozes que não foram transmitidas aponta para a necessidade de se desnaturalizar o entendimento consensual dos fatos históricos, e para a possibilidade de imaginar vias mais democráticas de se pensar, viver e projetar nossas vidas nas cidades.

De forma sucinta, podemos dizer que fazer emergir a(s) história(s) dos vencidos, ou a tradição dos oprimidos, como forma de experimentar uma “história a contrapelo”, nos permitiu articular uma prática pedagógica, que possibilitou uma revisão histórica crítica à produção e reprodução das cidades contemporâneas e a imaginação de outros futuros possíveis. Considerando, como propõe Benjamin, a arte como um lugar privilegiado para a reflexão, Refundações nos permitiu ensaiar a construção de outros campos de atuação possíveis para o arquiteto e urbanista como articulador na construção de um saber coletivo sobre a cidade, e experimentar um alargamento de nossos repertórios de imaginários urbanos, contra a perpetuação de um modelo dominante e produtor de apagamentos que a história oficial, por meio de imagens também tomadas como oficiais, nos apresenta como única perspectiva possível.

Se hoje começamos a entender a gravidade dos processos históricos – que se materializam sobretudo nas cidades – de silenciamento de diversos grupos sociais, é papel importante dos arquitetos e urbanistas criar lugares de aprendizado coletivo que permitam ensaiar outros procedimentos de interpretação crítica do espaço urbano, de modo a desmistificar as dinâmicas que engendram suas relações sociais e físicas. Essas outras maneiras de encarar o papel do arquiteto e urbanista são tentativas que surgem da dimensão da experiência coletiva de cidade, tornando visíveis os processos cotidianos de opressão e pensando formas de combatê-los de maneira propositiva. O conhecimento resultante dessas práticas é da ordem da pedagogia

⁸ LEANDRO, G. (2019). *Entrevista concedida a Micrópolis*, São Paulo, 23 agosto (em áudio).

urbana, na medida em que, através de um momento de compartilhamento coletivo de experiências, une o espaço urbano à aprendizagem através das diferenças.

5. Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. (2009). *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

MONTEIRO, M. (2012). Fundação de São Paulo, de Oscar Pereira da Silva: trajetórias de uma imagem urbana. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*, Universidade de São Paulo. São Paulo.

LOPES DE SOUZA, M. (2006). *A prisão e a Ágora*: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão ds cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

LÖWY, M. (2005). *Walter Benjamin*: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo.

VELLOSO, R. (2018). Pensar por constelações. In P. BERENSTEIN JACQUES e M. DA SILVA PEREIRA (orgs.), *Nebulosas do pensamento urbanístico*. Tomo I - Modos de pensar (100-121). Salvador: EDUFBA.